
O Brega em Foco – Uma análise do clipe Rosana¹

Rosana Ferreira BARROS²
Marcus Tulio Borowski LAVARDA³
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

O artigo é um estudo do videoclipe amador "Rosana", gravado pelo cantor Rodrigo José, que retoma o estilo musical brega. Neste trabalho é destacado como as produções independentes adquirem notoriedade nas redes sociais até ganhar destaque na mídia e repercutir em rede nacional. Avalia-se, também, a força da internet e de como o público se engaja nas produções lançadas em rede, trazendo um novo panorama na forma de divulgação e recepção do público ante a essas produções videográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Videoclipe; música; mídias digitais; vídeos para a internet.

1 INTRODUÇÃO

O vídeo pode ser feito de forma amadora ou profissional, a diferença está no planejamento e na proposta que se deseja. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é mostrar como a direção e a organização de um videoclipe pode ser um diferencial para se obter fama na internet.

O cardápio inicial do sucesso do cantor Rodrigo José que apareceu há 3 anos no cenário musical são: uma voz grave, diversos amigos que atuam nos clipes como voluntários, uma câmera e uma ideia na cabeça. Batizado de o novo “rei do brega”, o cantor recupera as músicas definidas por alguns críticos como cafona.

O sucesso de Rodrigo em tão pouco tempo nos mostra o tamanho da força da internet no mundo globalizado e também a importância dos videoclipes para a divulgação e viralização dos trabalhos que, antes, só eram possíveis por meio de grandes gravadoras.

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Especialista em MBA em Direção de Arte para TV, Cinema e Vídeo pela Universidade Estácio de Sá, e-mail: rosanaferreirabarros@gmail.com.

³ Doutor em Semiótica pela PUC- SP. Professor do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, e-mail: marcus.tulio@ufma.br

A internet vem se tornando o principal canal de especção de videoclipes. Amadores e bandas independentes vêm produzindo por conta própria vídeos que nela se tornaram fenômenos mundiais de audiência. Com isso, sua linguagem, até então predominantemente televisiva, vem se metamorfoseando, adequando-se ao novo meio. (CONTER&KILPP, 2008, p. 1)

O primeiro trabalho autoral apresentado por Rodrigo José foi o clipe “Rosana”, que narra a história de um homem abandonado pela sua amada e que ao longo de um mês sofre pela sua partida. Sempre com uma expressão triste e desconsolado, como se tivesse perdido a alegria de viver, até o momento em que sua paixão retorna.

Como toda música “brega”, Rosana é uma música de letra simples. Segundo o historiador Paulo César Araújo (2005) “o termo “brega” começou a ser divulgado na imprensa a partir da década de 1980 para designar pejorativamente a música considerada cafona, cujos artistas na maioria das vezes começaram a fazer sucesso na esteira da Jovem Guarda”.

A forma encontrada para a divulgação da música foi o videoclipe, sendo o quinto vídeo publicado no Canal do Youtube pelo cantor.

A terminologia da palavra videoclipe propõe a junção de duas palavras inglesas: video e clip. Video, obviamente se refere à captura de imagens em movimento; já clip, quer dizer pinça, tesoura. Embora a terminologia sugira apenas uma estrutura quanto à articulação das imagens, historicamente o videoclipe está diretamente vinculado à apresentação de uma música, havendo portanto, nesse formato, um elo indissociável entre canção e imagem, numa obra onde ambas se sobressaem em importância. No videoclipe, a montagem é ditada pelo ritmo da música, havendo um diálogo entre imagem e som que permite apreciação visual sem deslocar o espectador da música e que quase sempre dá origem a um enredo não linear.(CARVALHO &SANTANA, 2013, p. 46).

O clipe da música foi produzido de forma amadora e o roteiro foi feito com a ideia de transmitir uma história utilizando praticamente um só enquadramento, que se altera apenas quando a Rosana aparece em cena. O que era para ser enfadonho por falta de movimentação de câmera se torna atrativo por aguçar a curiosidade de quem assiste o clipe.O sucesso que o cantor tem obtido prova que a interatividade com os internautas é intensa e pode dar visibilidade a alguém em um curto espaço de tempo.

A junção da música brega com as características físicas que o cantor adotou nos faz lembrar o estilo de vida dos anos 1970. Rodrigo José não é apenas um cantor, ele é um personagem que aproveita os estilos musicais que adotou, para se caracterizar e resgatar na

memória dos que o assistem pelos cliques, ou o veem pela TV, a saudade de uma época tanto no modo de vestir, quanto no modo de viver e conviver com os objetos do dia a dia.

2 RODRIGO JOSÉ: A RENOVAÇÃO DO BREGA NA INTERNET

No dicionário Caldas Aulete a palavra Brega significa que ou quem é deselegante, sem refinamento e cafona. Como gênero musical o estilo de música brega é descrito por Essiger (2016) da seguinte forma: “a palavra brega vem sendo usada para designar a música de mau gosto, geralmente feita para as camadas populares, com exageros de dramaticidade e/ou letras de uma insuportável ingenuidade”.

Se percebe que a música brega e os seus interpretes são reconhecidos por um público mais popular, mas ao discutir sobre esse gênero, encontra-se inúmeras polêmicas a respeito não só da verdadeira definição desse estilo musical, como também a classificação de determinados artistas enquanto pertencentes ou não a essa tendência estilística.

Isso ocorre por muitos marginalizarem a música brega, como se ela não pertencesse a música popular brasileira, acreditando que, quem gosta desse estilo musical de letras simples, não fosse inteligente o suficiente para compreender compositores mais “refinados” que se consagraram na música popular brasileira. O próprio termo Brega já é em si pejorativo.

Porém, o que para uns pode ser de gosto duvidoso, para outros reflete o sentimento do dia a dia que essa música expressa. Recuperando clássicos do brega nacional que andavam um tanto esquecidos, surge no cenário da internet a figura de Rodrigo José.

Nascido no dia de São José, Rodrigo sempre foi diferente de seus irmãos. Frequentemente, enquanto eles jogavam bola e brincavam no quintal, o pequeno Rodrigo estava ouvindo músicas numa velha vitrola empoeirada, no porão de sua casa em Americana, São Paulo. Foi imerso nesse universo que o cantor teve seu primeiro contato com a música dita “cafona” dos anos 70. Discos de Odair José, Evaldo Braga, Paulo Sergio, Nelson Ned entre outros faziam parte da coleção familiar ouvida por ele. (BIOGRAFIA)

Com estatura de um metro e noventa e oito, o cantor chama atenção por onde passa não só pela altura, mas pela forma de se vestir. São roupas estilo anos 1960 e 1970, com blusas estampadas, calças boca de sino e sapatos feitos por encomenda tamanho 46. O corte de cabelo lembra artistas como Elvis Presley e Odair José em seu auge da carreira. Quem o observa imagina que seja uma pessoa saída de uma capa de discos de vinil.

Em uma entrevista dada para a revista Monet através do Facebook (2016), Rodrigo explica que para ele roupas de marca não são importantes e que aproveita que Americana é uma cidade rica em produção têxtil para comprar os tecidos com estampas chamativas e depois levar a uma costureira. Rodrigo declara que ele mesmo que desenha os modelos e seleciona os objetos que usa como pulseira, colar de corrente, e outros acessórios que compõem seu figurino antiquado.

A primeira vista ele parece estar deslocado no tempo, vivendo nos anos 70. Seu gosto musical e influências vão de Elvis Presley e James Brown até Odair José e Evaldo Braga. Apreciador do modo de vida simples da época, Rodrigo fala de amor com a mesma paixão e pureza de seus ídolos do passado. (BIOGRAFIA)

Engenheiro Civil por formação e apaixonado pela música desde a infância, Rodrigo desistiu da carreira de engenharia para investir no que acreditava ser o seu maior potencial que é a música. Seu repertório vai de músicas autorais até regravações de grandes artistas. “Acho que esses cantores merecem ser valorizados, porque eles tem uma história maravilhosa”(THE NOITE, RODRIGO JOSÉ, 2016)

A caracterização de Rodrigo José em uma pessoa com estilo anos 1970 facilita e agrega valor ao seu estilo musical. Sua figura visual mais parece ter sido elaborada por um diretor de arte. Em que ao mesmo tempo recupera um lado subestimado da música brasileira e remete ao imaginário popular das pessoas que nasceram no período.

Em entrevista à revista Monet, o cantor fala que resolveu se vestir dessa forma após olhar as fotografias da família, e observando como seu pai se vestia sentiu que as pessoas e as relações pessoais eram mais fortes, que os amigos realmente se visitavam e faziam festas em casa. Ele relata que adotou não só a roupa, mas a forma de viver da época.

Rodrigo José, assim como outros cantores, consegue na internet um espaço gratuito de divulgação do trabalho. A primeira publicação no facebook consta ser do dia 6 de julho de 2016 com um vídeo de apresentação do trabalho do cantor e em três anos (dados de 16 de abril de 2019) já conta com 144.228 mil seguidores na fanpage, 31.367 inscritos no canal do Youtube e 15,8 mil seguidores no instagram.

3 O CLIPE ROSANA

O videoclipe surgiu como um esforço de divulgação musical, um pacote completo que vende o som e a imagem do cantor. “Clipe deriva de clipping, recorte (de jornal ou revista),

pinça ou grampo, que possivelmente se refere à técnica midiática de recortar imagens e fazer colagens em forma de narrativa em vídeo”. (Corrêa, 2007, p. 2). As narrativas dos videoclipes não têm obrigação de contar uma história linear com início, meio e fim. Normalmente são fragmentos de vídeos que podem ditar moda e comportamento.

A inserção do vídeo na música só foi possível após o cinema falado, mas até lá houve variações para chegar ao que conhecemos hoje. Em meados do século XX, vídeos com música com o personagem principal somente eram vistos em programas de televisão até que vieram Os Beatles.

Os Beatles foram pioneiros até neste sentido, já que foram responsáveis, na década de 60, por levar suas músicas para o cinema. Mas as produções contextualizavam suas canções como se o filme fosse um videoclipe para todo um disco. Os quatro rapazes de Liverpool estavam cansados dos gritos histéricos da plateias e começaram a se apresentar nos programas de televisão através de gravações. (VIEIRA, 2013).

A grande revolução dos videoclipes foi o surgimento da MTV, Music Television em 1981. A MTV tinha como proposta investir nos vídeos musicais e conseguiu impulsionar esse mercado. De acordo com VIEIRA (2013) “O primeiro videoclipe a ser veiculado na emissora foi The Video Killed The Radio Star do grupo The Buggles. A década de oitenta ficou conhecida como a “década do videoclipe””.

Hoje uma das melhores formas de compartilhar os clipes é pela internet, se utilizando de ferramentas de interatividade como o Youtube, Facebook, Instagram e Twitter. A repercussão que essas redes sociais geram são gigantescas, onde um clipe pode ter mais de 1 milhão de visualizações em uma semana, ou até menos. Também é uma oportunidade para cantores se lançarem no mercado sem ter altos custos.

A primeira composição autoral de Rodrigo José divulgada nas redes sociais foi o clipe “Rosana”. O clipe tem duração de quatro minutos e quarenta e um segundos. A produção musical foi uma parceria de Rodrigo com Michel Cury. Em entrevistas aos programas Domingo Espetacular e ao The Noite ele diz que inspirações para a sonoridade musical foi de Elvis, Odair José, James Brown e Reginaldo Rossi.

A direção, a filmagem, a edição e a finalização do vídeo foi realizado por Ricardo Zuzigan, a direção de fotografia por Alexandre ConzFanali, o roteiro pelo Rodrigo José e Ricardo Suzigan e a modelo foi Kaline Toledo. As locações foram na cidade de Americana nos respectivos locais: Pastel do Chico, Amaral & Moralli Ind. Textil, Castor Society, Papo

Firme Bar & Bocha, Bar do Dello, Mineiro Lanches, Restaurante Tempero do Cheff e Teatro Municipal de Americana.

No clipe fazem figuração o Rodrigo José e a modelo Kaline Toledo que interpreta a Rosana. Toda a produção foi realizada com uma única câmera mirrorless do cinegrafista e diretor Ricardo Zuzigan.

O clipe “Rosana” apresenta a figura de um homem (Rodrigo José), que está sofrendo por uma desilusão amorosa. Os dias passam, ele trabalha, vai ao cinema, vai no bar, vê os amigos, mas a expressão de tristeza é sempre a mesma, estampada em seu rosto. Por alguns momentos do clipe, aparece a figura da Rosana retratada em forma de uma lembrança.

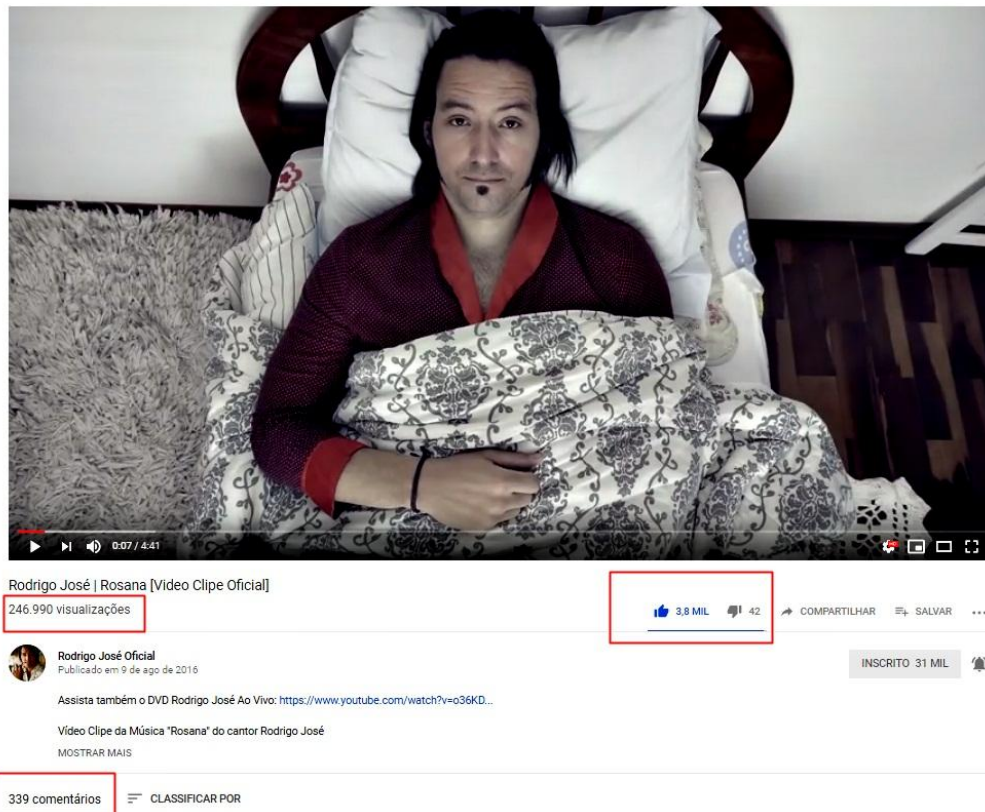
Figurino e cenografia podem funcionar para ditar moda, fazer referência ou ser experiência estética. O roteiro é outro aspecto técnico que pode variar bastante nos clipes. A narração não é obrigatória. O clipe pode contar a história da música (narração), pode introduzir novos conceitos relacionados à letra e ainda pode ser contrário à letra. Além destas, ainda tem a opção da performance dos músicos, fazendo referência aos primórdios do videoclipe. É claro, também tem a possibilidade de não levar nada disso em conta e partir para a experimentação. Já que este gênero permite a inventividade, e transcende no campo da potência criativa. (CORRÊA, 2007, p. 3)

Toda a pré-produção, produção e pós-produção teve custo mínimo. Rodrigo foi auxiliado e ajudado por amigos. As gravações ocorreram em momentos de folga, nos finais de semana e, mesmo com produção simples e amadora, ganharam uma grande repercussão na internet.

Enquanto a indústria fonográfica produz videoclipes para a internet da mesma forma que para a televisão, a rede também permite uma participação maior e compartilhada entre os usuários, de modo que sites com bancos de vídeos (como o YouTube, por exemplo) liberam o servidor para qualquer usuário publicar seus trabalhos. Isso permite uma nova experimentação audiovisual, de ordem técnica, estética e cultural, inclusive de vídeos musicais. Mas o mais surpreendente é que em relação à gramática do videoclipe os vídeos mais interessantes são justamente aqueles que vêm sendo produzidos (e com extrema competência) por amadores ou artistas independentes, sem contrato com gravadora ou produtora. Nesses casos, o mercado fonográfico fica à margem da produção, apenas sustentando os sites que divulgam os vídeos ou promovendo concursos culturais. (CONTER & KILPP, 2008, p.2-3)

Sendo a primeira composição do Rodrigo, o vídeo alcançou um bom número de visualizações na internet. No Youtube já obteve 246.990 visualizações e 339 comentários (Figura 1). Já no facebook (Figura 2) obteve 14.360 curtidas, 4.5632 compartilhamentos e 2.542 comentários.

Figura 01: Print do perfil do Youtube de Rodrigo José



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.

Acesso em: 16 de abril de 2019.

Figura 02: Print do perfil do Facebook de Rodrigo José



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.facebook.com/rodrigojoseoficial/>.

Acesso em: 16 de abril de 2019.

4 NARRATIVA VISUAL

Na produção de um videoclipe é necessário fazer um planejamento de gravação. Saber se a história será linear, se vai remeter à letra da música, quais os figurinos a serem utilizados, quantas câmeras, qual o ângulo a ser gravado, que recurso se dispõe para a gravação, quantas pessoas aparecerão no vídeo. Tudo isso deve ser pensado antes da filmagem.

“Independentemente de estar produzindo um documentário, um curta-metragem, uma matéria jornalística, um reality-show ou mesmo filmando um casamento, você deve sempre começar com as mesmas perguntas básicas: Qual é o foco? Por que está realizando este projeto? Que história você deseja contar? Que temas serão explorados? Que informações você espera transmitir aos seus espectadores? Que aspectos do seu tema são mais atraentes? Enfim, pergunte a si mesmo que história você quer contar e por quê”. (ARTIS,2011 p. 17).

Cada plano e filmagem feita tem seu valor, pois toda essa informação já deve estar no papel. O roteirista tem que pensar em texto e imagem, pois é a partir dela que se escolhera os ângulos a serem filmados. Por vezes, grandes produtoras contratam um designer para fazer o storyboard, que nada mais é que uma “(...) série de desenhos com os principais acontecimentos que sugere o ângulo câmera, o movimento da câmera e do ator e o tratamento da composição.” (MARCELLI, 2010, p. 18).

Mas nem toda produção cinematográfica tem orçamento para contratação de pessoal especializado, como foi o caso do cantor Rodrigo José. Seus clipes foram feitos sem custos com a ajuda e colaboração de amigos. Mas nem por isso deixa a desejar em termos de videoclipe e narrativa visual.

O clipe “Rosana” inicia com *frames* do cantor vestido em roupas diferentes. A mudança é tão rápida que não dá tempo de distinguir bem as cenas. Logo em seguida aparece Rodrigo deitado em uma cama como se tivesse acordando (Figura 3). O ângulo utilizado é o *plongee* que enquadra de cima para baixo.

O plano plongê pode ser escolhido por motivos estéticos, técnicos ou psicológicos. Posicionar a câmera acima do objeto e aponta-la para baixo pode resultar numa imagem artística, melhorando o foco de uma ação que esteja ocorrendo em profundidade ou influenciar a reação do público. (MARCELLI, 2010, p. 46-47).

Figura 03: Rodrigo José acordando



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.
Acesso em: 16 de abril de 2019.

Na cena seguinte aparece Rodrigo com uma parte da banda Chic 10, o guitarrista, o contrabaixo e o baterista. A banda aparece em partes do vídeo, principalmente no solo de guitarra da música (Figura 4). Continuando a história do clipe, após acordar, Rodrigo toma café, toma banho e escova os dentes, espera o ônibus, vai para o trabalho, almoça, vai para casa, toma banho e escova os dentes novamente, datilografa em uma máquina de escrever, assiste televisão, telefona e se prepara para dormir (Figura 5).

Figura 04: Banda



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.
Acesso em: 16 de abril de 2019.

Figura 05: O dia a dia do protagonista



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.

Acesso em: 16 de abril de 2019.

Em cenas rápidas se conta a história do dia do protagonista, remetendo a letra em que se conta as semanas em que a amada desapareceu, e a constante mudança de roupa mostra a passagem do tempo. O mais interessante nesse clipe é que toda a construção visual do dia a dia foi a partir de um único plano.

Rodrigo aparece sempre no meio da câmera, com um plano médio cortando acima da cintura e predominantemente ele olha direto para o espectador. No cinema esse modo de filmagem se chama câmera subjetiva.

A câmera *subjetiva* filma de um ponto de vista pessoal. O público participa da ação na tela como se fosse uma experiência própria. O espectador é colocado *dentro do filme*, seja como participante ativo, seja trocando de lugar com alguém no filme e vendo o fato através de seus olhos. O espectador também é envolvido no filme quando alguém na cena olha diretamente para a câmera – estabelecendo, assim, uma relação olho no olho entre ator e espectador. (MARCELLI, 2010, p. 20).

A mudança de plano e posicionamento de câmera só ocorre quando Rosana aparece em cena. O cenário branco em que ela é filmada faz alusão às lembranças do protagonista, que deseja rever e estar novamente com a amada. A filmagem se baseia em closes ressaltando o corpo da atriz (Figura 6).

Figura 6: Closes da Rosana



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.

Acesso em: 16 de abril de 2019.

O figurino de Rodrigo José são de roupas que remetem aos anos 1970, quando ele usa blusas coloridas e estampadas aliadas ao corte de cabelo e a forma de fazer a barba usada na época. E, para ressaltar ainda mais esse estilo antigo, é utilizado acessórios do período, como a máquina de escrever e a cristaleira ao fundo, o telefone com a fotografia que era pintada a mão e o costume de ouvir rádio no estádio de futebol (Figura 7).

Figura 7: Acessórios utilizados que remetem a década de 1970.



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.

Acesso em: 16 de abril de 2019.

Nos minutos seguintes, Rosana aparece novamente na vida do cantor (Figura 8), esse é o único momento em que existe uma mudança de plano, valorizando o ponto de vista de cada um.

Figura 8: Corte de câmera do ponto de vista de cada um.



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.
Acesso em: 16 de abril de 2019.

Nesse plano, a câmera é colocada ao lado de um ator para representar seu ponto de vista, assim o público terá a impressão que está do lado do ator fora de cena.

As cenas finais (Figura 9) sugerem ao espectador do que está ocorrendo fora do campo pelas roupas que são jogadas uma a uma, dando a imaginar que estão se despindo.

Figura 9: Roupas jogadas ao chão



Fonte: Elaborada pela autora a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JsgpWcED0>.
Acesso em: 16 de abril de 2019.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer filmagem, por mais inocente que seja feita, tem uma intenção. O próprio modo de segurar a câmera, o que se fala enquanto está gravando diz muito sobre o que se deseja registrar.

Em grandes produções é necessário que toda as ideias que se tenha sobre o produto seja colocado primeiro no papel, que é o que se chama de roteiro. A partir desse roteiro construído é que se saberá quantas pessoas aparecerão em cena e quais planos e ângulos serão filmados.

O videoclipe tem a proposta de apresentar ou não a história que está inserida na letra da música. Possibilita também a experimentação, pois mesmo seguindo basicamente os mesmos princípios dos filmes, possui uma maior liberdade de criação.

O acesso a computadores, programas de edição, internet e a popularização das câmeras fotográficas que tanto podem fotografar como também filmar trouxe uma revolução para os

artistas na forma de divulgar o seu trabalho, que antes só eram possíveis através das grandes gravadoras, com o uso das plataformas das redes sociais.

Aproveitando essa oportunidade, Rodrigo José surge no meio musical advindo da internet e repaginando a música brega. Os videoclipes do artista foram feitos de modo amadora, porém com roteiros bem elaborados e um produto final que viralizou na internet.

A fama que Rodrigo conseguiu ainda pode ser vista como pequena se comparada a outros artistas, mas com certeza o tempo em que foi alcançada foi bem mais rápido, graças as novas ferramentas de interação com o público.

Qualquer trabalho de direção feito hoje em dia não pode desprezar e nem ignorar o tamanho da força da internet, pois mesmo produtos feitos especificadamente para a TV depois são jogados na rede. É preciso estar atento e aproveitar toda a possibilidade que essas ferramentas proporcionam e, por isso, é cada vez mais imperativo pesquisas que tratem das questões do vídeo e sua disseminação em diferentes formatos, nas mais diversas plataformas digitais e, não menos importante, a recepção que o público faz a partir dessas produções de baixo custo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro não**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ARTIS. Anthony Q. **Silêncio: filmando!** Um guia para documentários com qualquer orçamento, qualquer câmera e a qualquer hora. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.rodrigojose.art.br/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

CALDAS, Aulete. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CARVALHO, Tiago; SANTANA, Geórgia Cynara C. S. **O videoclipe enquanto filme de curta-metragem**. In: III Semana do audiovisual da UEG (IIISAU) Audiovisual e trabalho: novas perspectivas para o mercado regional. 2013, Goiânia. Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/sau/article/view/2642/1665>> Acesso em: 30 out. 2016.

CONTER, Marcelo Bergamin; KILPP, Suzana. **Audiovisualidades de videoclipes produzidos para a web**. In: IV Congreso Panamericano de Comunicación, Comisión de trabajo “Los Nuevos Lenguajes en la Industria Audiovisual”, 2008, Santiago do Chile. Disponível em: <http://www.suzanakilpp.com.br/artigos/videoclips_para_web.pdf>. Acesso em: 30 out. 2016.

CORRÊA, Laura Josani Andrade. **Breve história do videoclipe**. VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste. Cuiabá: IX Intercom, 2007. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2007/resumos/R0058-1.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

Domingo Espetacular. Apresentado por Paulo Henrique Amorim e Thalita Oliveira. São Paulo: Rede Record, 16 out. 2016, 19 horas. Duração 14:44. Matéria com Rodrigo José. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QFJDWnUkJzU>> Acesso em: 18 out. 2016.

ESSIGER, Silvio. **Brega.** Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/generos/ver/brega>>. Acesso em: 25 out. 2016.

MARCELLI, Joseph V. **Os Cinco Cs da cinematografia:** técnicas de filmagem. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

MENEZES, Thales de. **Rodrigo José abre espaço na internet recriando canções dos ídolos do brega.** Folha de São Paulo, São Paulo, 14 set. 2016. Ilustrada, p.1. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/09/1813014-rodriogo-jose-abre-espaco-na-internet-recriando-cancoes-dos-idolos-do-brega.shtml>> Acesso em: 28 out. 2016.

Revista Monet [Comentário Pessoal] Facebbok. 17 outubro 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/revistaMONET/?hc_ref=PAGES_TIMELINE> Acesso em: 28 out 2016.

The Noite. Apresentado por Danillo Gentili. São Paulo. SBT, 27 out. 2016, 22h. Duração de 18 minutos. Entrevista com Rodrigo José. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6NMsD1MCi60&feature=youtu.be>> Acesso em: 28 out. 2016.

VIEIRA, Marcelo Lopes. **Uma breve história dos videoclipes.** 2013. Disponível em: <https://gavetadebagunca.wordpress.com/2013/02/14/uma-breve-historia-dos-videoclipes/> Acesso em: 28 out. 2016.